

ESTUDO DA L.F. EM SALA DE AULA: FENÔMENOS ABORDÁVEIS NO RIO DE JANEIRO

*Sérgio Drummond M. Carvalho**

A TV, o rádio e toda uma gama de recursos audiovisuais (como a internet), colocam crianças e jovens bastante expostos a um determinado registro da língua portuguesa: a língua falada. Mesmo nas salas de aula, o uso desses recursos é comum em muitos colégios do Rio de Janeiro e, provavelmente, em grande parte dos colégios brasileiros.

Percebe-se ainda que na vivência dos alunos de todas as classes fora dos colégios, a oralidade é predominante quanto ao uso da Língua Portuguesa. No Rio, tem-se ainda o fenômeno do FUNK, estilo musical em que se sobressaem locutores que, em maioria, são provenientes de classes menos privilegiadas e adotam um linguajar bastante popular. Em alguns casos, os compositores procuram formas lingüísticas próprias dos “funkeiros” ou da comunidade de origem (linguagem das favelas, etc.).

Contudo, frequentemente, o conteúdo abordado nas aulas de Língua Portuguesa refere-se quase integralmente à Língua Escrita, em seu registro culto. Já é detectado algum conteúdo sobre variação lingüística no Brasil e diferentes registros da língua em compêndios escolares mais modernos, como CEREJA, Willian & MAGALHÃES, T. C. (2002), FARACO & MOURA, 1999 e TERRA, E. & NICOLA, J., 2001; porém o assunto fica restringido a uma parte determinada do livro (geralmente, no início).

Visto isso, este trabalho sugere que a abordagem sociolingüística de fenômenos comuns à comunidade de fala deve ser presente em sala de aula, nas aulas de português, reforçando a observação da língua falada.

Tal análise do fenômeno oral justifica-se por:

- a) Reconhecimento e analogia do uso lingüístico com o próprio uso e não apenas com os estilos de escritores consagrados;
- b) Motivação para o estudo do fenômeno lingüístico: se o fenômeno for pronominal, motiva-se o estudo dos pronomes; se for verbal, o estudo dos verbos, etc.
- c) Mostrar aos alunos a ciência lingüística em ação. Neste trabalho, a *Sociolingüística* com seu aparato quantitativo e qualitativo, podendo, inclusive, interagir com outras matérias escolares.
- d) Parte expressiva do caráter psicossocial da língua é mostrada claramente, o que também contribui para um maior envolvimento do aluno com o conteúdo.

Portanto, fenômenos da língua oral são indicados para o estudo escolar, nos ensinos fundamental e médio, pois permitem uma observação mais simples e direta do “objeto estudado” – a língua – e permite uma maior identificação do aluno com o tema abordado em sala de aula, melhorando assim seu desempenho ao entrar em contato com Língua escrita e a Norma Culta.

* Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2002; atualmente, Professor Substituto na referida instituição.

CASTILHO, 1998:21, ao propor a incorporação da LF em aulas de gramática, deixa claro que:

“Via de regra o aluno não procede de um meio letrado. Sua família enfrenta as tensões da vida urbana, uma novidade para muitas delas. A escola deve iniciar o aluno valorizando seus hábitos culturais, levando-o a adquirir novas habilidades desconhecidas de seus pais. O ponto de partida para a reflexão gramatical será o conhecimento lingüístico de que os alunos dispõem ao chegar à escola: a conversação.”

CASTILHO concentra seu comentário nas classes sociais menos cultas que, em grande parte, configuram-se como conseqüência do “inchaço” dos grandes centros urbanos brasileiros provocado pelas migrações internas, [a maioria no sentido região rural→região urbana]. No Rio de Janeiro é evidente o fenômeno social das favelas, que inclusive já fazem parte da paisagem urbana da cidade e são pontos de visitação turística relevantes, principalmente, de turistas estrangeiros.

Nesta pesquisa, a proposta do estudo da LF remete-se aos alunos dos ensinos médio e fundamental como um todo, visto o grande contato desses com esse registro da língua em seu cotidiano, conforme abordado anteriormente.

Para o estudo, propõe-se a amostragem de estudos sociolingüísticos sobre três fenômenos lingüísticos que normalmente ocorrem nas salas de aula do Rio de Janeiro¹: *apagamento do –R final, alternância das formas pronominais nós e a gente e uso de ter/haver existencial*. Apenas serão abordados resultados e informações mais simples e objetivos, visto a categoria de aluno para a qual se destina esta proposta de trabalho.

As análises sociolingüísticas têm base em CALLOU & LOPES, 2003. As autoras trabalharam com os *corpora* das amostras do NURC-RJ e do PEUL, já com os dados do recontato. Sendo assim, as entrevistas correspondem às décadas de 70/80 e 90/2000.

¹ Embora tais fenômenos sejam comuns no país como um todo, mostram-se bem acentuados na cidade do Rio de Janeiro.

1- APAGAMENTO DE –R FINAL

Para a amostragem do fenômeno em sala de aula, selecionaram-se apenas traços mais gerais, como:

Fenômeno analisado: Cancelamento de –R em final de palavra. Em verbos e não-verbos;

Status: Inicialmente, ocorria apenas em grupos definidos (estratificação social), atualmente, vai além das diferenças sociais e ocorre com qualquer falante brasileiro;

Comportamento: O fenômeno assume comportamento diferenciado para nomes, verbos e gênero;

Nomes: _dimensão do vocábulo é muito significativa: perda do –R é bloqueada em monossílabos, principalmente em falantes com formação superior;

_Vogal precedente influencia na realização do fenômeno;

_Acento frasal contribui para a ocorrência de apagamento.

Verbos: _dimensão do vocábulo não importa.

_Vogal precedente atua pouco ou não atua.

_Acento frasal

Obs: Ao observar a figura 1², nota-se que em **verbos**, há índice acima de 70% e maior em falantes de menor escolarização. Na década de 90 houve aumento de frequência e quase uma equiparação com os de escolaridade mais baixa. **Em nomes**, índices estáveis.

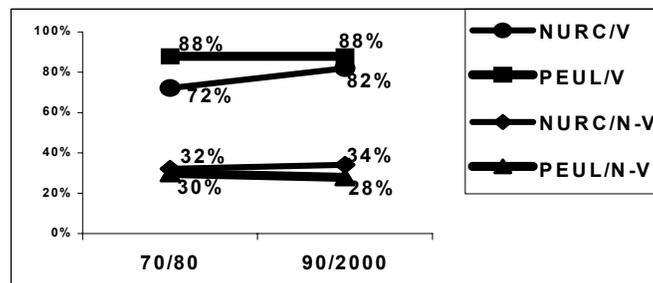


Figura 1- Apagamento do R em verbos (V) e não-verbos (N-V) no NURC e no PEUL

Gênero: _NURC-RJ→ HOMENS: Jovens: estáveis entre as décadas de 70 e 90 // adultos: aumento no período de 70-90 // idosos: diminuição entre 70-90. Em B, o aumento se deu pois o fenômeno tornou-se menos estigmatizado com o passar dos anos.

_PEUL→ semelhança com o NURC.

² Manteve-se neste trabalho a numeração original do trabalho fonte: CALLOU & LOPES, 2003, já que o objetivo é mostrar aos alunos trabalhos de linguistas renomados.

_NURC-RJ e PEUL→ MULHERES: Mudança em progresso. São mais conservadoras, mais jovens apagam o –R com mais freqüência.



Figura 2- Apagamento do R em mulheres (NURC)

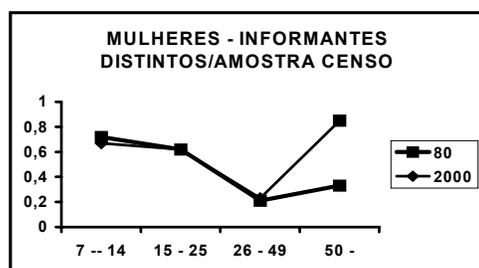


Figura 3 - Apagamento do R em mulheres (CENSO)

A pesquisa sobre o –R envolveu o quantitativo de 2723 dados na década de 70 e 1323 na década de 90 para o NURC- RJ e 1359 dados na década de 80 e 900 no ano 2000 para o PEUL.

2- NÓS E A GENTE NO RIO DE JANEIRO

Em CALLOU & LEITE, 2002, as autoras mostraram o Rio de Janeiro como capital brasileira de grande incidência da forma *a gente*, ao invés de *nós*. Na recente pesquisa, utilizada como base principal de dados, CALLOU & LOPES, 2003 constataram um aumento dessa tendência no R.J., nos últimos 30 anos, seja entre os falantes cultos ou entre os não cultos.

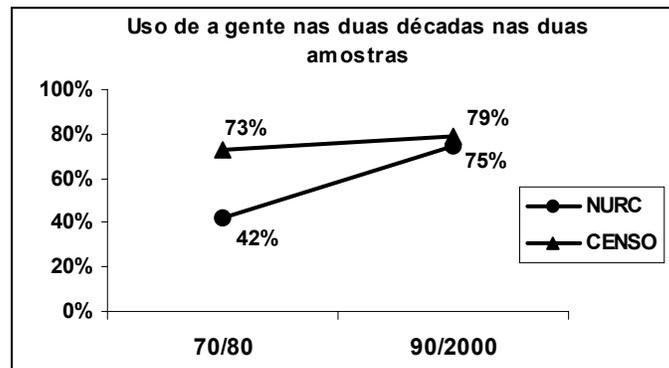


Figura 8: Uso de a gente em tempo real de curta duração

Quanto aos não-cultos, observa-se quase uma estabilidade, sendo que seu percentual de uso já era alto em 80.

Quanto aos cultos, houve uma progressão bastante acentuada nestas décadas. *Mudança de baixo para cima.*

Faixa etária→ Os adultos mantêm um uso de a gente abaixo do de *nós*, nas duas amostras e mesmo com aumento de frequência em tempo real, em cultos e não cultos.

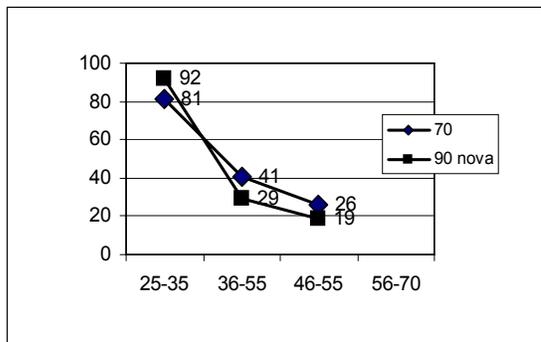


Figura 9: Uso de a gente: amostra NURC-RJ

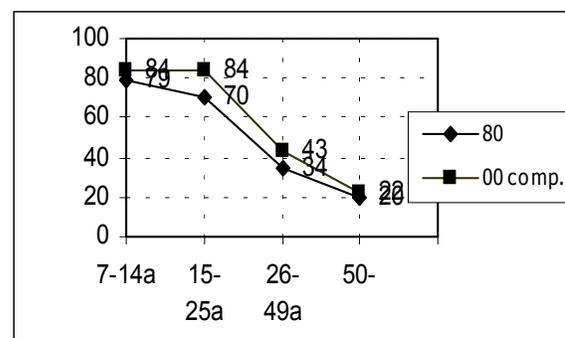


Figura 10: Uso de a gente: amostra CENSO

Influências lingüísticas→ a) Saliência fônica: *a gente* ocorre mais no pretérito imperfeito e presente do indicativo, gerúndio e infinitivo; b) Referente [+det] propicia *nós* {eu+você, eu+ele}, [-det] propicia a gente {eu+todo mundo}.

3- O USO DE *TER* E *HVER* EXISTENCIAL

No Português do Brasil, as estruturas existenciais são formadas pelo verbo *ter*. Com isso, é notória a substituição do verbo *haver* para essa forma de uso. Tal substituição dar-se-á em maior ou menor grau, dependendo do indivíduo e/ou da sua comunidade de fala.

A figura 14 relata sobre a década de 70.

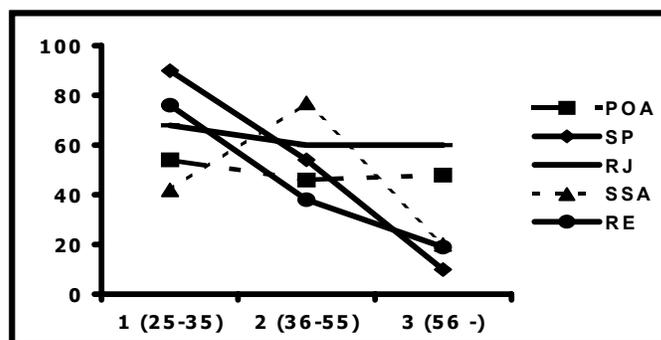


Figura 14- uso de *ter* por faixa etária em cada cidade

No Rio de Janeiro, a frequência de *haver* na fala culta era de 35% na década de 70 e caiu para 24% na década de 90; sendo que, entre os mais jovens, catalogou-se taxa de 0% (com o uso de *ter* categórico).

CALLOU & AVELAR, 2002, atestaram que em jornais do século XIX, a incidência de *haver* era de 78%, contra 22% de *ter*. ROCHA et alii, 1999, ao analisarem 3 jornais cariocas: O Globo, O Dia e O Povo, chegaram à conclusão de que apenas o Globo mantém o predomínio de *haver*.

Quanto à faixa etária, observou-se que: SP, RJ, RE mostram alta frequência de *ter* em jovens, com indicação de mudança. Já em Salvador e Porto Alegre, há um certo equilíbrio no uso de *ter/haver*: em POA há uma leve retração no uso de *ter* na faixa B e em Salvador, um aumento visível de *ter* na faixa B.

As mulheres usam muito mais a forma inovadora (*ter*), com exceção de Salvador. Talvez isso se dê porque os jovens de Salvador não reforçam TER.

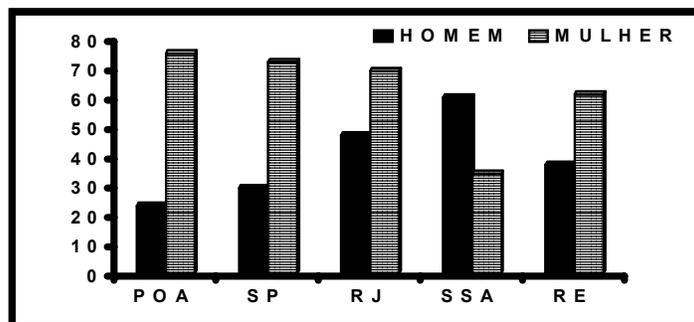


Figura 15 - Uso de ter-existencial em homens e mulheres em cada cidade (NURC-70)

No RJ houve um aumento no uso de ter em 1990: o P.R. subiu de .63 para .76. Na fala não-culta o percentual de ter é de 10% em 1980 e de 6% em 2000. Para a faixa etária de 7-14 anos, o índice percentual é de 0%. Tal índice pode estar sugerindo que no RJ, as crianças não estão ouvindo haver em seus processos de aquisição da linguagem. Os mais velhos tendem a manter maior frequência para o uso de haver, em torno de 40%.

Concluindo este estudo assistemático (informações selecionadas de trabalhos de lingüistas renomados), indica-se o estudo da Língua Falada para motivar os seguintes tópicos em sala de aula:

- a) Os dados sobre o *apagamento de -R final* para o uso do infinitivo em Língua Escrita e na Norma Culta. Vez por outra, alunos apagam o -R dos verbos no infinitivo na língua escrita, provavelmente por reflexo do fenômeno que ocorre na língua;
- b) Os resultados sobre o uso de *ter/haver existencial* podem ser aproveitados para questões de estilo em Norma Culta: o uso de ter existencial não é indicado para o uso formal da língua pelas gramáticas tradicionais;
- c) Sobre a alternância *nós/a gente*, pode-se aproveitar dados da pesquisa para aula de pronomes pessoais, chamando atenção para o uso culto da 2ª pessoa, que é a forma Nós.
- d) Recomenda-se também essa linha de trabalho com a Sociolingüística para cursos de formação de professores (Nível Médio, profissionalizante), considerando-se importante, por exemplo, para uma professora CARIOCA de alfabetização e de 1ª a 4ª séries do ensino básico, o conhecimento dos fenômenos lingüísticos atuantes em sua comunidade de fala.

Os três primeiros tópicos citados acima já passaram por uma pré-testagem em sala de aula (nos níveis fundamental e médio) e o resultado foi bastante positivo: houve uma expressiva *interação aluno/professor* em sala de aula, posicionamento crítico dos alunos em relação aos tópicos estudados mostrou-se elevado e a visão científica do assunto estimulou-os nitidamente à pesquisa e investigação, fazendo-os proferir frases do tipo:

“vou observar mais como minha avó fala e como meu tio fala. Ela veio do Nordeste e ele é carioca...”³ ou “eu não falo assim, ou será que eu falo dessa maneira?”.

A proposta de estudo da LF em sala de aula com fenômenos abordáveis no Rio de Janeiro fica como sugestão de uma nova ferramenta de trabalho para o professor de português carioca, podendo se estender também a todo o Brasil, observando-se a natureza dos fenômenos.

Ressalta-se que a proposta está diretamente ligada à Sociolinguística, pois tal vertente dos estudos linguísticos aborda a língua com seu caráter psicossocial e precisão científica de ordem quantitativa e probabilística.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Cambridge: Blackwell, 1994.

LEITE, Yonne & CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

³ Frases não transcritas com exatidão. Proferidas por uma aluna do Ensino Médio da rede estadual de ensino.